



Este artigo foi publicado na edição 1, em dezembro de 2004, da revista eletrônica e-compós: <http://www.compos.org.br/e-compos>

***REFLEXÕES SOBRE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE: AS CONTRIBUIÇÕES DE DOUGLAS KELLNER**

***Prof. Dr. Sidney Ferreira Leite*
USP

“Somos aquilo que vemos e ouvimos, assim como somos aquilo que comemos, por isso, é importante imprimir nos indivíduos a necessidade de evitar a comida ruim da cultura da mídia e escolher produtos mais saudáveis e nutritivos”.

Douglas Kellner

Introdução

O filósofo norte-americano Douglas Kellner argumenta em seus artigos e livros que nunca se fez tão necessário, como nos dias de hoje, um estudo minucioso dos efeitos sociais dos meios de comunicação de massa sobre os indivíduos. Pois, a cultura da mídia tornou-se a dominante; substituiu as formas de cultura elevada, como foco da atenção e de impacto. Suas formas visuais e verbais estão suplantando, por exemplo, a cultura livresca e exigindo novos tipos de conhecimentos para decodificá-la. A cultura veiculada pela mídia transformou-se na força dominante de socialização: suas imagens e celebridades substituem a família, a escola e a Igreja como árbitros de gosto, valor e pensamento, produzindo

novos modelos de identificação, estilo, moda e comportamento. Com o advento da cultura da mídia, os indivíduos são submetidos a um fluxo, sem precedentes, de imagens e sons dentro de sua própria casa; novos mundos virtuais de entretenimento, informação, sexo e política estão reordenando percepções de espaço, de tempo e anulando distinções entre realidade e representação.

As especificidades do capitalismo contemporâneo, resumidas na constelação global do tecnocapitalismo estão baseadas na configuração do capital e da tecnologia, produzindo novas formas de cultura, sociedade e cotidiano: “Nas últimas décadas, a indústria cultural possibilitou a multiplicação dos espetáculos por meios de novos espaços e *sites*, e o próprio espetáculo está se tornando um dos princípios organizacionais da economia, da política, da sociedade e da vida cotidiana [...] As formas de entretenimento invadem a notícia e a informação, e uma cultura tablóide se torna cada vez mais popular”¹. Na ótica de Douglas Kellner, a Escola de Frankfurt fornece fontes para analisar essa conjuntura porque seu modelo de indústria cultural está centrado na articulação do capital, tecnologia, cultura e cotidiano. Dessa forma, a Escola de Frankfurt pode desempenhar papel relevante nas investigações levadas a cabo pelos os Estudos Culturais, isto é, fornecendo um foco mais intenso sobre as articulações entre capital e tecnologia.

Nesse cenário, o desafio colocado por Kellner é ler politicamente a cultura contemporânea, ou seja, examinar como as produções culturais da mídia transcodificam as lutas sociais existentes em seus espetáculos, imagens e narrativas, pois os conflitos do cotidiano se expressam por intermédio dos produtos culturais da mídia, que, por sua vez, sofre uma apropriação e exerce efeitos sobre esses contextos: “As lutas concretas de cada sociedade são postas em cena nos textos da mídia, especialmente na mídia comercial da indústria cultural cujos textos devem repercutir as preocupações da sociedade, se quiserem ser populares e lucrativos. A

¹ Douglas Kellner, “A cultura da mídia e o triunfo dos espetáculo”, In: **Líbero**. SP, vol. 06, n.11, p.05.

cultura nunca foi mais importante, e nunca antes tivemos tanta necessidade de um exame sério e minucioso da cultura contemporânea”.²

Assim, a necessidade de promover o diálogo entre as diversas teorias de comunicação não é uma premissa fundamentada em diletantismo, afinidades ou meras filiações teóricas. Mas, condicionada pelas especificidades do mundo contemporâneo. Porém, como realizar tarefa tão densa e complexa? A tentativa de responder o desafio proposto é realizada pelo próprio Kellner, em seus trabalhos sobre a cultura da mídia. Esses apontam conscientemente para a urgência em desencadear um diálogo mais intenso entre as duas mais importantes tradições de pensamento no campo da comunicação, isto é, a Escola de Frankfurt e os Estudos Culturais britânicos. De fato, mais do que chamar atenção para a necessidade por ele mesmo apontada, o intelectual norte-americano, tenta colocar em prática essa proposta. Por que a opção por uma das duas tradições não se apresenta como o caminho mais apropriado? Douglas Kellner argumenta que tanto a Escola de Frankfurt como os Estudos Culturais britânicos apresentam limitações para uma análise global e total das complexas relações que a cultura da mídia estabelece com a sociedade contemporânea. Dessa forma, a utilização de teorias críticas, desenvolvendo a concepção multiperspectívica é a melhor alternativa. O objetivo principal dessa comunicação é detectar as justificativas para a sistematização de tal concepção, explicitadas em textos que Douglas Kellner escreveu sobre o tema.

I. Da Filosofia à Comunicação Social

Como demonstra Carlos Alberto Araújo no artigo “A pesquisa norte-americana”³, os Estados Unidos abrigaram tradições extremamente importantes para os estudos da comunicação, entretanto, até os anos 60, as pesquisas nesse campo de saber foram dominadas pelo *Mass Communication Research*. Essa tradição de

² Douglas Kellner, *Cultura da Mídia*. Bauru, EDUSC, 2002, p32.

³ O artigo em questão foi publicado no livro **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. (orgs.) Antonio Hohlfeldt, Luiz C. Martino, Vera Veiga. Petrópolis, Vozes, 2001 e traduz o esforço, altamente louvável, do seu autor em sistematizar as linhas fundamentais da pesquisa no campo da comunicação nos Estados Unidos.

investigação tinha como características fundamentais: a ênfase nos estudos empíricos, a dimensão quantitativa e a orientação pragmática que colocava os aspectos acadêmicos das pesquisas em uma posição secundária. O pressuposto teórico que sustentava essa linha dominante dos estudos de comunicação norte-americanos estava ancorada na crença, segundo a qual, o sistema social funcionava como um organismo, cujas partes devem atuar no sentido de integrar e de manter o sistema funcionando. Porém, a partir dos anos 60, o campo de comunicação no mundo acadêmico começou a ampliar o seu sistema de referências teóricas, possibilitando o diálogo com outras correntes mais sofisticadas, tais como: o Interacionismo Simbólico, a Semiótica, a Escola de Palo Alto, os Estudos Culturais, etc. Foi esse ambiente de abertura de horizontes que Douglas Kellner encontrou quando iniciou os seus estudos universitários.

O seu interesse sobre os efeitos dos meios de comunicação de massa sobre a sociedade foi despertado pela Filosofia. Pois, antes de se dedicar aos estudos dessa área de conhecimento fez o curso de graduação em Filosofia. Segundo Kellner, as suas preocupações mais abstratas sobre as relações entre os indivíduos e o sistema social tiveram como ponto de partida o seu professor do colégio secundário. O mestre recomendou livros escritos por Eric From e Martin Buber. A leitura desses autores funcionou como a porta de entrada para os textos dos intelectuais filiados à Escola de Frankfurt. O contato mais profundo com a Filosofia estimulou o interesse pelos pensadores que mais tarde ele definiu como fundamentais para a compreensão da sociedade contemporânea, em especial: Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud. As leituras reforçaram não apenas a sua disposição em estudar a Filosofia, mas o interesse em se dedicar às atividades de docência e pesquisa.

O projeto se tornou real quando ingressou na Universidade de Columbia, na segunda metade da década de 60. Foi na condição de estudante de Filosofia nessa instituição, que participou, em 1968, das revoltas estudantis que caracterizaram não apenas o campus de Columbia mas, o de outras Universidades espalhadas pelo Planeta, notadamente na França. Para compreender os cenários conturbados do

período, começou a ler as obras escritas por Herbert Marcuse⁴. Cabe destacar que esse autor desempenha, até hoje, papel relevante em suas concepções sobre os meios de comunicação e a sociedade.

Os episódios de 1968 exerceram grande influência sobre as posições políticas de Kellner e contribuíram decisivamente para o seu engajamento no movimento estudantil. O jovem estudante de Filosofia tornou-se militante ativo da *New Left*, movimento que teve início na Inglaterra em 1956, após o célebre discurso do líder soviético Nikita Kruchev, no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, denunciando as iniquidades cometidas durante o período stalinista. Acontecimento teve forte repercussão entre os ingleses filados ao Partido Comunista e foi decisivo para a saída da agremiação de intelectuais como: Eric Hobsbawm, Rodney Hilton, E. P. Thompson e Raymond Williams. Os dois últimos são considerados, juntamente com Richard Hoggart, os fundadores dos Estudos Culturais britânicos, tão influentes nos trabalhos de Douglas Kellner.

Em 1969, quando terminou a graduação em Columbia, começou a escrever uma dissertação sobre as concepções de autenticidade no pensamento de Martin Heidegger. Para levar a cabo tal empreitada recebeu uma bolsa de estudos do governo alemão e foi concluir as suas pesquisas na Europa. Na Alemanha, teve oportunidade de conhecer as idéias George Lukács, por intermédio da leitura de **História e Consciência de Classe**, de Max Horkheimer e de T.W. Adorno com a leitura da **Dialética do Iluminismo** e outros textos produzidos pelos autores filados à Escola de Frankfurt. Assim, pode ampliar os seus estudos de Teoria Crítica, participando de grupos de estudos e freqüentando disciplinas sobre a Escola de Frankfurt, oferecidas pelas universidades alemãs. Após dois anos, concluiu a sua dissertação sobre Martin Heidegger e adquiriu uma boa formação filosófica. Tal formação, juntamente com os Estudos Culturais, constitui o seu principal referencial teórico.

⁴ O interesse de Douglas Kellner pelo pensamento de Marcuse permanece atual. Ele organizou, em fins dos anos 90, a coletânea de artigos Herbert Marcuse: **Tecnologia, Guerra e Fascismo**, publicada no Brasil, em 1999 pela Editora da UNESP.

Depois da longa temporada na Alemanha, Kellner viajou para Paris com o objetivo principal de conhecer, mais de perto, os trabalhos dos autores franceses filiados, ao estruturalismo. Em especial, acompanhar às aulas ministradas por Claude Lévi-Strauss, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jean Baudrillard e Jacques Derrida. Ele entendia que esses professores poderiam ampliar os seus horizontes intelectuais, até então, predominantemente delineados pela Escola de Frankfurt. No entanto, com o passar do tempo, a relação de Kellner com esses autores, em especial com Jean Baudrillard, passou a ser pontuada por atritos e polêmicas⁵. A viagem a Europa, entretanto, foi fundamental para o enriquecimento de seu percurso intelectual porque entre outros aspectos, alargou os seus horizontes teóricos. Apesar dos novos ares respirados nos Estados Unidos, desde fins dos anos 60, a sua experiência intelectual poderia ficar limitada ao saber circulante nos instituições acadêmicas estadunidenses.

Em 1972, retornou aos Estados Unidos e iniciou a sua carreira como professor na Universidade do Texas, em Austin. Trabalhou nessa instituição durante vinte quatro anos lecionando a disciplina Filosofia Continental (européia). Essa Universidade tinha um ótimo curso de Filosofia com um Departamento pluralista que permitia o desenvolvimento de diferentes linhas de investigação. A longa atividade como professor de Filosofia possibilitou a elaboração de diversos livros sobre os temas e os pensadores que mais pontuavam o seu universo de preocupações. A experiência como professor de Filosofia deixou uma marca indelével nos trabalhos posteriores do autor. Pois, o pensamento filosófico desempenha papel central em seus livros e artigos sobre temas relacionados à cultura da mídia e serve de base para o seu postulado, segundo o qual, o pensamento é, ao mesmo tempo, análise e síntese, des-construção e reconstrução.

⁵ As críticas de Douglas Kellner a Jean Baudrillard estão sistematizadas em “Jean Baudrillard in the Fin-de-Millennium”, introdução do livro: **Baudrillard: A Critical Reader**, Massachusetts, Blackwell Publishers 1994.

Douglas Kellner tem tentado, ao longo de sua trajetória intelectual, cotejar o legado de tradições de pensamento européias. Tal tentativa foi colocada em prática, de forma mais sistemática, em **Câmera Política: the politics and ideology of contemporary Hollywood film**(1988), livro que escreveu com Michael Ryan. O objetivo principal dos autores foi desenvolver uma análise das mudanças sociais mais recentes dos Estados Unidos. Para tal, utilizaram como fonte os filmes hollywoodianos. Pois, esses operam no sentido de legitimar as instituições e os valores tradicionais: individualismo, capitalismo, patriarcalismo e racismo.

As atividades de professor e pesquisador, em Austin, chegaram ao fim em meados dos anos 90. Quando George W. Bush tornou-se governador do Texas, o Departamento de Filosofia da Universidade de Austin foi dominado por docentes que mantinham estreitas relações com a direita norte-americana. A Universidade do Texas que, até então fora um espaço vibrante de debates e reflexões, passou a abrigar, nas palavras de Kellner, o que havia de mais obscuro no mundo acadêmico norte-americano. O autor optou por deixar o Texas e se transferir para Nova York para lecionar na Universidade de Columbia.

Desde então, ocupa a cadeira de Filosofia da Educação na Universidade de Columbia. Nos últimos anos, Kellner tem concentrado as suas pesquisas nos efeitos das novas tecnologias de informação na educação, na política e no cotidiano. Tem publicado artigos sobre as novas tecnologias educacionais, multimídia, novas formas de textualidade, relações entre o ciberespaço, a política, além de abastecer com conteúdo três *sites* na internet⁶, das disciplinas: Tecnologia e Sociedade, Estudos Culturais e Filosofia da Educação. Em Columbia pode se dedicar mais diretamente aos seus estudos sobre os efeitos sociais da cultura da mídia.

II. Legitimação ideológica e descofidação

⁶ Os sites são os seguintes, a saber: www.gseis.ucla.edu; www.popcultures.com e www.uta.edu/huma.

Na ótica de Douglas Kellner, a Escola de Frankfurt tem sido acusada, injustamente, pelos pesquisadores ligados aos Estudos Culturais, de elitismo e reducionismo. Pois, a despeito de algumas diferenças significativas de enfoque e interpretação, há perspectivas comuns entre as duas escolas. Tais perspectivas devem servir de base para o diálogo mais intenso entre ambas. A articulação das afinidades é frutífera desde que se faça o cotejamento das suas possibilidades e dos seus limites. O diálogo pode produzir, por exemplo, novas perspectivas que contribuirão, entre outros aspectos, para o desenvolvimento de Estudos Culturais mais robustos, isto é, que não coloquem em um plano secundário, o horizonte social que serve de contexto para a produção da cultura veiculada pela mídia. Assim, o autor argumenta que antes de antagônicas, a Escola de Frankfurt e os Estudos Culturais apresentam concepções reciprocamente complementares que podem implicar em uma nova configuração para os avanços das pesquisas no campo da comunicação.

Douglas Kellner argumenta que a Escola de Frankfurt inaugurou os estudos críticos dos meios de comunicação de massa e da cultura. Durante os anos 30, os pesquisadores frankfurtianos desenvolveram uma teoria, ao mesmo tempo, crítica e trans-disciplinar. Os seus trabalhos abriram amplos horizontes para as investigações das relações entre os meios de comunicação de massa e a sociedade, combinando crítica da economia política da mídia, análise de textos e efeitos sociais e ideológicos da cultura de massa. Os seus trabalhos estão entre os primeiros, dentro do marxismo, a examinar os efeitos da cultura de massa e da ascensão da sociedade de consumo sobre a classe operária. Eles também analisaram as estratégias que a indústria cultural e a sociedade de consumo foram estabilizando o capitalismo contemporâneo, colocando em prática novas estratégias de cooptação.

Vítimas do nazi-fascismo, os intelectuais filiados à Escola de Frankfurt avaliaram, em primeiro lugar, as formas e os instrumentos da cultura de massa manipulados pelo nazismo. No exílio, nos Estados Unidos, detectaram que a cultura, veiculada pelos meios de comunicação, funcionava como um poderoso instrumento para promover os valores da sociedade de consumo norte-americana. Controlado, a

rigor, pelas corporações gigantes, a indústria cultural foi organizada segundo as estruturas de produção capitalistas. Durante os anos 40 e 50, a cultura de massa e os meios de comunicação funcionaram como poderosos instrumentos a geração e propagação de modos de pensamento e comportamentos apropriados para o funcionamento e massificação da sociedade.

Douglas Kellner destaca a relevância em detectar o processo de industrialização da cultura e os imperativos comerciais que comandam o sistema capitalista. Nessa perspectiva, filmes, música popular, programas de rádio e televisão têm as mesmas características que qualquer outra mercadoria, isto é: a mercantilização, a standarização e a massificação. Mais importante que essa constatação para Kellner é o fato da indústria cultural desempenhar o papel decisivo de fornecer a legitimação ideológica, a qual justifica, entre outros aspectos, a existência e a integração dos indivíduos a sociedade capitalista. Esse pressuposto é uma constante nos trabalhos de Kellner e pode ser observado, fartamente, nas análises que ele desenvolveu sobre os filmes populares de Hollywood, durante o período que Ronald Reagan esteve no poder, especialmente *Rambo* e *Top Gun*, na sua abordagem sobre a cobertura que as emissoras de televisão norte-americanas fizeram da Guerra do Golfo e na demonstração de como *Miami Vice* e outros seriados de televisão trans-codificam temas e embates presentes no cotidiano da sociedade⁷.

As reflexões do filósofo Herbert Marcuse sempre mereceram a atenção especial de Kellner. Ele destaca, por exemplo, que Marcuse representa a tendência da Escola de Frankfurt voltada para um desenvolvimento mais prático-político da teoria crítica, isto é, esforçando-se para pensar a mudança social, capaz de unir Filosofia, teoria social e política radical. As teses do autor de **Eros e Civilização** sobre a cultura e a tecnologia são especialmente relevantes para os seus trabalhos. Nessa perspectiva, cabe destacar a influência do artigo “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna”, escrito por Herbert Marcuse, em 1941. Nesse texto, o

⁷ Esses trabalhos estão reunidos em: Douglas Kellner, **Cultura da Mídia**, Bauru, EDUSC, 2001.

frankfurtiano antecipa a sua análise sobre a sociedade e o homem unidimensional. Ele sustenta que a tecnologia na era contemporânea constitui um modo complexo de organização e de perpetuação das relações sociais e atua como instrumento de controle e dominação dos homens. Segundo Kellner, o artigo delinea o declínio histórico do individualismo, desde o tempo das revoluções burguesas até a ascensão da sociedade tecnológica moderna. O desenvolvimento da indústria moderna e da racionalidade tecnológica minou a base da crítica e submeteu o indivíduo à dominação crescente do aparato técnico social.⁸

Apesar do papel central dos autores frankfurtianos em seus trabalhos, Douglas Kellner reconhece que a cultura da mídia nunca foi homogênea e massificada como postulou o modelo da Escola de Frankfurt, embora esse esquema ainda continua válido para a compreensão do funcionamento da cultura produzida pelos meios de comunicação de massa na sociedade capitalista. Em perspectiva semelhante, o autor de **A cultura da mídia**, sustenta que a Escola de Frankfurt contribuiu decisivamente para os estudos de comunicação ao traçar as linhas da dominação, mas foi menos eficiente para trazer à tona e enfatizar os momentos de resistência e de contestação aos valores propagados pela indústria cultural: “A cultura veiculada pela mídia induz os indivíduos a conformar-se à organização vigente da sociedade, mas também lhes oferece recursos que podem fortalecê-los na oposição a essa mesma sociedade”⁹. Kellner alerta, em particular, para a forma problemática que a Escola de Frankfurt coloca em contraste a cultura de massa e a arte autêntica, trata-se de uma concepção monolítica que limita ou oblitera os momentos críticos, subversivos e emancipatórios, contidos em algumas manifestações da cultura contemporânea. Além disso, os receptores são capazes de des-codificar as produções midiáticas, isto é, os mesmos podem ser ativos, produzir seus próprios significados e usos para os produtos da indústria cultural.

III. Por uma leitura política da cultura da mídia

⁸ Herbert Marcuse, **Tecnologia, Guerra e Fascismo**, op. cit., p.26.

Foi em meados na década de 1970 que Kellner passou a se dedicar mais sistematicamente ao estudo das obras dos autores filiados aos Estudos Culturais, interesse que se mantém vivo até os dias atuais. Segundo Kellner, o período clássico dos Estudos Culturais britânicos está localizado entre as décadas de 60 e 80. Nesse momento, predominou a interpretação marxista na investigação da cultura. Os estudos foram influenciados especialmente, pelas teorias de Althusser e Gramsci. O grupo de Birmingham, como também é conhecido, centrou os seus esforços na interpretação das representações que a cultura da mídia faz das ideologias, das classes sociais, dos gêneros, das raças, do nacionalismo cultural e da etnicidade. Nesse contexto, Kellner demonstra interesse destacado nos primeiros trabalhos desenvolvidos pelos ingleses a respeito dos efeitos sociais dos meios de comunicação de massa sobre a audiência e como essa é capaz de responder de maneiras diferentes aos textos veiculados pela mídia. Além disso, ele sublinha que os Estudos Culturais são capazes de delinear o modo como às produções culturais articulam ideologias, valores, representações de sexo, raça, e classe na sociedade, e o modo como esses fenômenos se inter-relacionam¹⁰.

Douglas Kellner sublinha que o projeto inicial de estudo da cultura, proposto principalmente pelos intelectuais Richard Hoggart, Raymond Williams e E. P. Thompson, tinha como objetivo principal a preservação da cultura da classe operária frente a cultura de massa produzida pela indústria cultural norte-americana que, principalmente após a 2ª Guerra Mundial, invadiu a Europa. A onda de críticas dos Estudos Culturais britânicos ao americanismo e a cultura de massa traçam paralelo com as primeiras críticas da Escola de Frankfurt, em fins dos anos 20.

Para Douglas Kellner, Stuart Hall erra quando omite a participação da Escola de Frankfurt em suas descrições sobre os fundamentos teóricos dos Estudos Culturais. Pois, alguns trabalhos realizados pelo grupo de Birmingham reproduziram posições clássicas da Escola de Frankfurt. Os Estudos Culturais britânicos, por exemplo,

⁹ Douglas Kellner, **Cultura da Mídia**, op. cit., p.12.

detectaram o fenômeno da integração da classe operária ao sistema capitalista e o declínio da sua consciência revolucionária; concluíram que a cultura de massa desempenhou papel essencial para a integração da classe operária e para a existência da sociedade capitalista; sublinharam as interseções entre as áreas da cultura e da ideologia; viram a crítica ideológica como central para a compreensão da cultura contemporânea; identificaram a cultura como um modo de reprodução ideológica e fonte de hegemonia; demonstraram que as formas culturais veiculadas pelos meios de comunicação de massa contribuem para modelar o pensamento e o comportamento os indivíduos às condições sociais estabelecidas pelo sistema capitalista; insistem que a cultura deve ser estudada dentro das relações sociais e, finalmente, as duas tradições foram formadas dentro de uma perspectiva transdisciplinar de estudo da cultura.

Os Estudos Culturais britânicos valorizaram o papel ativo da audiência, uma diferença que divide as duas tradições. De fato, o aspecto que parece exercer interesse especial de Kellner, nos Estudos Culturais é a sua ênfase na atividade humana, na produção ativa, ao invés de seu consumo passivo. Em outras palavras, definir a cultura como um número de intervenções ativas.¹¹

Diferente da Escola de Frankfurt, os Estudos Culturais britânicos se voltam para as manifestações culturais mais contemporâneas, interpretando-as como fonte de oposição e mudança social. Por meio de pesquisas sobre movimentos culturais da juventude, os Estudos Culturais Britânicos demonstram, por exemplo, como a cultura propicia a constituição de formas distintas de identidade e o seu potencial de oposição. Nessa senda, têm colocado em evidência como os grupos que resistem aos diferentes sistemas de dominação cultural, criando novos estilos e identidades.

Como relata Ana Carolina Escosteguy, começou a se desenvolver, a partir dos anos 80 um processo de descentralização dentro dos Estudos Culturais. O foco central

¹⁰ Douglas Kellner, **Cultura da Mídia**, Bauru, EDUSC, op. cit, p.39.

¹¹ Ver: Ana Carolina Escosteguy, “Os Estudos Culturais”, In: **Teorias da Comunicação...**, op. cit., p. 155 e 156.

passou a ser as novas condições de constituição das identidades sociais e sua recomposição em um contexto que as solidariedades tradicionais estão debilitadas: “Assim, aos poucos, nos anos 80 vão-se definindo novas modalidades de análise de texto com pesquisa de audiência. São implementados estudos de recepção dos meios massivos, especialmente, no que diz respeito aos programas televisivos.” Nos anos 90, por sua vez, as pesquisas sobre a audiência passaram a enfatizar ainda mais a capacidade de ação dos diferentes grupos sociais. Tal ênfase possibilitou os estudos voltados para as questões raciais e de etnia, gênero e classe e a incorporação de novas tecnologias.¹²

Porém, Douglas Kellner critica os últimos caminhos trilhados pelos autores filiados aos Estudos Culturais, em especial, Stuart Hall. Esse, em seu clássico e programático artigo “Codificação\Decodificação”¹³, iniciou a suas reflexões, valendo-se de teses de Karl Marx sintetizadas **Grundrisse**, como o modelo para delinear as articulações do circuito de comunicação contínuo, envolvendo produção, distribuição e consumo, esforçando-se em demonstrar como as instituições da mídia produzem significados, como esses circulam e as audiências usam ou decodificam para produzir novos significados. Entretanto, Hall não tem colocado em prática tal abordagem, muito menos desenvolvido as análises econômicas que propôs. De fato, seus trabalhos têm evidenciado uma abordagem inconsistente na articulação das relações entre política econômica e estudos culturais. Cabe destacar que Douglas Kellner faz crítica semelhante aos teóricos da pós-modernidade.

Nessa perspectiva, Douglas Kellner argumenta que nos últimos anos, os Estudos Culturais deram, por um lado, ênfase exagerada à análise das mensagens e da recepção e, por outro, de menos à produção da cultura e à sua economia política. Nos anos 60 e 70, o grupo de Birmingham demonstrava interesse especial pelos estudos das instituições da mídia, suas práticas e relações com as ideologias sociais

¹² Ver: Ana Carolina Escosteguy, “Os Estudos Culturais”. In: **Teorias da Comunicação...**, op. cit., p.166.

¹³ O artigo em questão foi publicado no Brasil na coletânea Stuart Hall, **Da diáspora: identidades e mediações culturais**, organização Liv Sovik, BH, Editora UFMG, 2003.

mais amplas. Todavia nos últimos anos esse enfoque se atenuou. A maioria dos mais recentes Estudos Culturais tende a negligenciar as análises dos circuitos da economia política e do sistema de produção, em favor de abordagens centradas no estudo das mensagens e da recepção. Como conseqüência, a economia política foi colocada em posição subalterna. As audiências e os prazeres do público são festejados, deixando-se de lado as questões de classe, de ideologia e se abstendo de analisar ou criticar a política dos textos culturais. Em suma, transformando os Estudos Culturais em apenas mais uma subdivisão acadêmica, inofensiva e, em última instância, favorável sobretudo à própria indústria cultural.

VISÃO MULTIPERSPECTÍVICA	
NÍVEIS DE ANÁLISE	1. Produção e economia política.
	2. Análise textual e crítica.
	3. Estudos de recepção.

Para evitar tal desenvolvimento conservador dos Estudos Culturais, urge uma abordagem multiperspectívica que dê atenção aos contextos da produção cultural, aos textos e à sua recepção pelo público. Tal método requer a presença de várias perspectivas disciplinares e críticas, vinculando: Estudos Culturais, Teoria Crítica da sociedade e política democrática radical: “Em termos simples, um estudo cultural multiperspectívico utiliza uma ampla gama de estratégias textuais e críticas para interpretar, criticar e des-construir as produções culturais em exame. O conceito inspira-se no perspectivismo de Nietzsche, segundo o qual toda interpretação é necessariamente mediada pela perspectiva de quem faz, trazendo, portanto em seu bojo, inevitavelmente, pressupostos, valores, preconceitos e limitações”¹⁴.

¹⁴ Douglas Kellner, **Cultura da Mídia**, op. cit., p.129.

O programa de Estudos Culturais proposto por Douglas Kellner tem como ponto de partida uma visão multiperspectívica que inclui a investigação dos artefatos culturais em três dimensões, a saber: 1) produção e economia política da cultura, 2) análise textual e crítica dos artefatos e 3) estudo da recepção e dos usos das mensagens midiáticas. Essa proposta implica primeiro que os Estudos Culturais sejam eles próprios multiperspectívos. É tarefa dos pesquisadores de comunicação social apontar as tendências do futuro da nossa mídia e da sociedade tecnológica. Em sua ótica, os estudiosos mais jovens devem usar as ferramentas de pensamento delineadas pelos Estudos Culturais como poderosa arma de crítica social, esclarecimento e mudança, e não como mais uma fonte de capital cultural.

IV. Considerações Finais

Para Douglas Kellner, as teorias de comunicação devem funcionar como armas que auxiliem a perceber e a atuar por campos sociais específicos, apontando fenômenos relevantes, fixando nexos, compreendendo e criticando. Em outras palavras, as teorias oferecem recursos para descrever experiências, narrativas, práticas, instituições e relações sociais; indicam conflitos e problemas, fornecendo recursos para discuti-los e procurar soluções. Nessa senda, ele sustenta que não é necessário a elaboração de nova “superteoria”, mas lançar mão de postulados das teorias críticas existentes, notadamente da Escola de Frankfurt e dos Estudos Culturais britânicos.

Em sua ótica, a Escola de Frankfurt ofereceu para as pesquisa de comunicação um modelo integral que transcende às divisões contemporâneas nos estudos da mídia e da cultura, pois demonstrou que as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa apresentam as normas e as práticas sociais que legitimam a organização e o funcionamento da sociedade capitalista. Tal modelo colocou em relevo, entre outros aspectos, as relações complexas entre a produção, a mensagem e a recepção. Finalmente, indicaram as conexões entre as indústrias da mídia, o Estado e as economias capitalistas. O estudo da comunicação e da cultura foi

integrado na teoria crítica da sociedade, no momento que ambas passaram a desempenhar papel cada vez mais significativo.

Nessa perspectiva, os Estudos Culturais podem desempenhar importante papel na elucidação das alterações significativas que têm ocorrido na cultura e na sociedade contemporânea. Pois, as novas tecnologias, modos de produção cultural, formas de vida social e política colocam os artefatos da cultura da mídia dentro do sistema de produção material, clarificando as suas estruturas e os seus significados. Investigar os textos veiculados pelos programas de televisão, pelos filmes, pela música popular, por exemplo, exige estudar as formas que os artefatos midiáticos são atualmente produzidos dentro da estrutura e organização da indústria cultural. Em suma, delineando como os diferentes grupos assistem às notícias televisivas, lêem revistas, consomem e fazem uso da mídia, os Estudos Culturais destacam o papel ativo da audiência, evidenciando, por exemplo, que a mesma é capaz de argumentar contra a própria perspectiva da manipulação da mídia. Dessa forma, os Estudos Culturais podem discutir como a cultura da mídia pode funcionar como instrumento de mudança social. Para tanto, é preciso dar mais atenção à mídia alternativa do que se fez até agora, refletindo-se mais sobre a maneira como a tecnologia da mídia pode ser reconfigurada em favor do esclarecimento e da cidadania. As tarefas são desafiadoras, porém edificantes.

BIBLIOGRAFIA:

KELLNER, DOUGLAS - **Cultura da Mídia**. Bauru, EDUSC, 2001.

Critical Theory, Marxism and Modernity. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1992.

From 9/11 to Terror War. Maryland, Rowman & Littlefield Publishers, 2003.

Television and the Crisis -of Democracy. Colorado Westveiw Press, 1990.

- **Baudrillard: A Critical Reader.** Massachusetts, Blackwell Publishers, 1994.

e Ryan, Michael - **Câmera Política: the politics and ideology os contemporary Hollywood film.** Indiana, Indiana University Press, 1990.

HALL, STAURT- **Da Diáspora: identidades e mediações culturais.** (org.) Liv Sovik, BH, Ed. UFMG, 2003.

HOHLFELDT, Antonio (org.) – **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências.** Petrópolis, Ed. Vozes, 2003.

MARCUSE, Herbert- **Tecnologia, Guerra e Fascismo.** (org.) Douglas Kellner, SP: Ed. UNESP, 1999.

* Primeira versão para o IV Interprogramas da Compós

** Professor-Doutor (USP), professor titular de graduação e pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero; professor convidado do Instituto de Estudos Avançados da USP (2001-02); Colaborador regular do *Caderno de Sábado*, suplemento cultural do Jornal da Tarde, até 2002; autor do livro **Cinema e Manipulação da Realidade**. SP: Ed. Paulus, 2003 e publicou entre outros artigos: “A Guerra nas telas do cinema” na Revista **Líbero**.

Sidney Ferreira Leite

Telefone: (11) 3276 3100

Celular: (11) 9983.9672

califree@terra.com.br